



## **‘A queda de um treinador: estratégias discursivas de agendamento e a demissão de Luxemburgo da Seleção Brasileira de Futebol’<sup>1</sup>**

**Viviane Borelli<sup>2</sup>**

Doutoranda em Ciências da Comunicação pela Unisinos

### **Introdução: compreendendo o contexto**

Esta reflexão tem como objetivo analisar algumas estratégias discursivas desenvolvidas pelos mídias na cobertura jornalística do contexto em que ocorreu a queda do treinador da seleção brasileira, Wanderley Luxemburgo, demitido após a eliminação da equipe brasileira de futebol nas Olimpíadas de Sydney (2000).

O texto é resultado de constatações observadas no processo de produção da dissertação de Mestrado intitulada “*A midiatização do esporte: leitura das estratégias discursivas da cobertura jornalística da Olimpíada de Sydney (2000)*”<sup>3</sup>, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Ciência do Movimento Humano da UFSM e defendida em 2002.

O trabalho integra um corpus teórico e metodológico mais abrangente, por isso, para fins dessa breve abordagem, serão levados em conta apenas alguns fatores constitutivos de um contexto mais amplo. Os processos de agendamento da demissão do técnico serão observados nos jornais Folha de São Paulo (SP), Zero Hora (Porto Alegre, RS) e A Razão (Santa Maria, RS), no período de 28 de agosto a 12 de outubro de 2000.

A partir da seleção de alguns títulos referentes à tematização do treinador Luxemburgo, serão descritas algumas estratégias discursivas de *agendamento* desenvolvidas

---

<sup>1</sup> O texto é fruto de constatações assinaladas na pesquisa de campo para produção da dissertação de mestrado intitulada “*A midiatização do esporte: leitura das estratégias discursivas da cobertura jornalística da Olimpíada de Sydney (2000)*”.

<sup>2</sup> Jornalista, Mestre em Ciência do Movimento Humano, subárea comunicação, movimento e mídia, pela Universidade Federal de Santa Maria, e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, área de concentração em processos midiáticos, pela Unisinos (São Leopoldo, RS).

<sup>3</sup> A dissertação foi orientada pelo doutor Antonio Fausto Neto, professor visitante do Programa de Pós-Graduação em Ciência do Movimento Humano da UFSM (2000/2002), e professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos.

pela mídia impressa durante a cobertura jornalística da Olimpíada de Sydney. A partir de um contexto maior, que é a cobertura dos fatos relativos mais diretamente ao evento em si (à Olimpíada), serão destacados apenas enunciados referentes ao ator.

É importante salientar que no processo de *agendamento*, os jornais escrevem para dialogar com outros campos sociais<sup>4</sup>, isto é, as agendas midiáticas são elaboradas em função de outras agendas e para um '*leitor construído idealmente*'. O *agendamento* no esporte não se constitui apenas numa decisão unilateral dos mídias, pois ele resulta de movimentos que a sociedade realiza, a partir das relações entre os diversos campos sociais, constituindo suas próprias agendas, empreendendo negociações, disputas, *colocando à mesa* interesses, ideologias, culturas e poderes. Nessa perspectiva, o processo de *agendamento* no esporte constitui-se num *cruzamento de agendas*, em que os vários '*regimes de discursividades*' disputam os sentidos na construção da atualidade.

Para melhor compreensão do processo de construção do acontecimento midiático que intitulamos '*A queda de um treinador*'<sup>5</sup>, dividimos a reflexão em três momentos que nomeamos de *pré-agenda* (período anterior ao início da Olimpíada, compreende as edições de 28 de agosto a 11 de setembro), *agenda* (fase em que se desenrolavam as competições, de 12 de setembro a 2 de outubro) e *pós-agenda* (3 a 12 de outubro). Com essa divisão, a intenção é compreender de forma mais aprofundada *como* a mídia foi construindo, dia após dia, enunciados que explicitavam uma possível demissão de Luxemburgo.

Optou-se pela análise apenas de títulos, por questões de espaço e também por compreender que o sistema de *titulação* dos jornais funciona, dentro da hierarquização de sentidos, no identificador primeiro do acontecimento. É na esfera dos títulos que o jornal dá forma para aquilo que produz, pois se constitui num *lugar privilegiado de nomeação*.

Os jornais serão analisados através do conceito chave de enunciação, por entender que o acontecimento só existe porque os mídias os elaboram através de um *processo de enunciação*. Pretende-se examinar as marcas enunciativas relativas ao processo de construção

---

<sup>4</sup> Aprofundar a noção de campo social em ESTEVES (1998), que o compreende como o espaço social, onde os mais variados campos de conhecimento guardam, entre si, muitas relações, gerenciadas ou mediadas pelo campo midiático.

<sup>5</sup> É interessante retomar o contexto em que se desenvolveu a demissão de Luxemburgo na seleção brasileira de futebol. Como a seleção principal do Brasil não estava tendo um desempenho satisfatório nas eliminatórias para a Copa do Mundo de 2002 (um dia antes do embarque para a Austrália, em agosto de 2000, o Brasil conseguiu vencer a Bolívia, o que amenizou a situação do time principal), passou-se a apostar na seleção olímpica, que até então estava invicta. O fato de o Brasil nunca ter conquistado uma medalha de ouro em Olimpíadas acirrou essa disputa. Como o Brasil foi eliminado nas primeiras rodadas,



mediática da *‘queda do treinador Luxemburgo’*, que faz parte de um acontecimento maior - a *Olimpíada de Sydney (2000)*, tendo como ponto de partida os jornais, de onde são feitos movimentos para compreender as lógicas que os levam a construir as estratégias de produção de sentido.

Alguns conceitos são centrais nessa leitura, em que o trabalho jornalístico é compreendido enquanto construção: como *enunciação*, *polifonia*, *interdiscursividade*, *agendamento/tematização*. Tais conceitos aparecem no corpo da análise, mas, por serem estratégicos, serão brevemente detalhados. Através dos dispositivos de *enunciação* pode-se descrever as marcas de inscrição e/ou posicionamento do próprio jornal em relação ao acontecimento, à *‘tomada de cena’*. Na mesma perspectiva, em relação à *polifonia*, deve-se levar em conta a existência de uma multiplicidade de *vozes* e/ou falas para além da fala orquestradora do jornal. A *interdiscursividade* se efetiva a partir das ações da enunciação jornalística sobre outros discursos para tornar mais competente sua estratégia discursiva. Os conceitos de *agendamento* e *tematização* estão articulados com a preocupação de que o *dizer jornalístico* se faz numa extração de determinados atos em meio a tantos outros e a escolha precisa ser qualificada para ter relevância (tematização); em outras palavras, estes dois conceitos estão relacionados à *chamada de atenção* que o jornal faz para dar inteligibilidade ao fato. Dizendo melhor, toda e qualquer atividade jornalística se faz por meio de um processo de *enunciação*; o campo dos mídias é, sobretudo, *polifônico*, na medida em que por ele perpassam inúmeras *vozes* dos demais campos sociais; ele é também constituído de *interdiscursos*, pois todo discurso, mesmo que único (determinado historicamente num espaço e tempo) é construído com base num já dito; a partir do trabalho de produção de sentido, isto é, de determinações, enquadramentos, angulações, enfim, de uma hierarquização, é que se constitui um processo de *agendamento* e na medida em que são enunciados *uns e não outros temas*, atribuindo-se maior ou menor relevância, destinando-se pouco ou muito espaço é que se efetiva um processo de *tematização* da realidade social<sup>6</sup>. Feitas tais definições, passa-se a descrever as estratégias discursivas desenvolvidas pelos jornais sobre o técnico Luxemburgo na pré-agenda da Olimpíada.

---

contrariando as projeções mais entusiastas da possibilidade de conquista de uma medalha, Luxemburgo foi demitido ainda durante a Olimpíada.

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **Mídia Esportiva**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.



## Pré-agenda: indicações e projeções

Na pré-agenda, os jornais Folha de São Paulo, Zero Hora e A Razão publicaram inúmeros enunciados referentes ao treinador da seleção brasileira de futebol, Wanderley Luxemburgo<sup>7</sup>. A partir da seleção de alguns títulos, serão descritas as estratégias discursivas desenvolvidas pelos jornais para tematizar fatores relativos ao ator, que teve grande destaque nos jornais, com matérias especiais, repercussões, tomadas de posição, construções singulares. Compreende-se que a *tematização* do acontecimento a partir dos ‘*olimpianos*’<sup>8</sup> do mundo esportivo é uma das principais estratégias discursivas dos jornais, sendo considerada garantia de venda da edição.

A partir de enquadramentos, organização editorial, hierarquização das matérias, determinação do espaço, entre outros fatores que fazem parte da *organização* do campo dos mídias, ‘*os olímpianos esportivos*’ são objeto de múltiplas construções discursivas. A seguir, alguns títulos:

- 1 “*Justiça Federal do Rio condena Luxemburgo*” (ZH de 29/08)
- 2 “*Só negociata tira Luxemburgo do cargo, avisa CBF*” (FSP de 29/08)
- 3 “*Calado e sério. É o novo Luxemburgo*” (ZH de 31/08)
- 4 “*Luxemburgo sofreu seu golpe mais sério ao ser denunciado por sonegação de impostos*” (ZH de 31/08)
  
- 5 “*O mundo paralelo de Luxemburgo*” (FSP de 01/09)
- 6 “*Só*” (FSP de 03/09)
- 7 “*Treinador é acusado de ter alterado idade*” (FSP de 03/09)
- 8 “*Técnico não comenta suspeita de ser “gato”*” (ZH de 04/09)
- 9 “*Luxemburgo foge do estádio em silêncio*” (FSP de 04/09)
- 10 “*Registro na FGF reforça suspeita de que Luxemburgo é mesmo “gato”*” (ZH de 05/09)
- 11 “*O outro lado*” (FSP de 05/09)
- 12 “*MP denuncia Luxemburgo*” (AR de 06/09)
- 13 “*O mundo quer saber quem é Luxemburgo*” (FSP de 06/09)
- 14 “*Um dia de sossego, enfim*” (ZH de 07/09)

---

<sup>6</sup> Os conceitos foram estabelecidos principalmente a partir da obra de MAINGUENEAU (2000).

<sup>7</sup> A partir desse momento, convencionou-se FSP para Folha de São Paulo, ZH para Zero Hora, AR para A Razão e passa-se a utilizar apenas o sobrenome do técnico, como é conhecido.

15 “*Sob pressão, Luxemburgo busca alento na auto-ajuda*” (FSP de 11/09)

A partir desse conjunto de enunciados, observa-se que os jornais desenvolvem estratégias discursivas singulares para operacionalizar os processos de *agendamento*, seja através de afirmações, indicações ou julgamentos. Enquanto ZH e FSP dão amplo destaque à situação, acompanhando o desenrolar dos fatos referentes a Luxemburgo, AR distancia-se desse ‘*acontecimento paralelo*’, limitando-se a publicar fatores relativos à competição em si (a Olimpíada). Em seguida, alguns detalhamentos das estratégias discursivas.

O enunciado 6 (‘*só*’) não possui nenhum elemento identitário, sendo necessário um diálogo com outros elementos hierarquizados nas páginas para haver uma compreensão, pois o ‘*só*’ têm sentido apenas se relacionado com informações complementares. Verifica-se que há *interdiscursividades*, pois o enunciado é elaborado em função de outro, mantendo ligação com um já dito ou algo que virá a ser. Através desse título, a FSP resume de forma negativa a situação em que Luxemburgo se encontrava, com pressões vindas de vários campos – do esportivo, da opinião pública, do mundo dos ‘*olimpianos*’, dos dirigentes. Essas *vozes* são referidas no interdiscurso, representado pelo subtítulo da mesma página (‘*Luxemburgo enfrenta hoje time da Bolívia, impaciência no Maracanã, ira de Romário e pressão da CBF*’). A construção explicita as várias *vozes* presentes no discurso jornalístico e o fato de que ele é composto por ‘*multiagendas*’. Nessa *polifonia* (heterogeneidade discursiva), a *voz* do campo midiático, que em última instância produz o enunciado, o submetendo aos vários ‘*constrangimentos*’ internos, dialoga com as demais para compor o corpo do jornal.

Nota-se que alguns enunciados destacam fatores do campo da justiça (MP, justiça federal), já que o treinador estava sendo acusado de possíveis irregularidades (sonegação fiscal, falsidade ideológica, contravenção, com ganho na negociação de jogadores), havendo *polifonias*. As ações provêm de um lugar privilegiado e de autoridade, que reforçam e denotam respeito e confiabilidade, como em 1 (‘*Justiça Federal*’), 10 (‘*FGF*’) e 12 (‘*MP*’), onde os jornais atribuem o dito a uma autoridade com reputação indiscutível, como uma estratégia discursiva para dividir a responsabilidade pelas acusações e sentenças. Nesses

---

<sup>8</sup> Segundo FAUSTO NETO, Antonio. **Mortes em derrapagem: os casos Corona e Cazuza no discurso da comunicação de massa**. Rio de Janeiro: Fundo Editora, 1991, os chamados “*olimpianos*” são os heróis e mitos produzidos pela cultura de massa; espécie de celebridades dos mundos da política, do esporte, da televisão.

títulos, os órgãos oficiais são uma espécie de co-enunciador, pois o jornal apresenta sujeitos com estatuto de autoridade, recaindo, sobre eles, aparentemente, a responsabilidade pelo dito.

No exemplo 2, a FSP *agenda* a possibilidade de saída do técnico da seleção. Porém, a afirmação é feita com aval e determinação da CBF, pois o dispositivo de enunciação dissimula a autoria, acrescentando o complemento ‘*avisa CBF*’, fazendo parecer que a responsabilidade pelo dito é apenas da CBF. O ‘*só*’ delimita a ação, determinando que apenas uma negociata pode tirar Luxemburgo do cargo. Nesse exemplo *polifônico*, além do jornal utilizar a voz da autoridade (CBF) como estratégia para co-legitimar o que diz, dá indicações (‘*avisa*’) à opinião pública e à própria imprensa sobre a possibilidade de afastamento do técnico do cargo. Como nos exemplos anteriores, essas inúmeras *vozes* são ‘*convocadas*’ para co-legitimar o dito, como uma estratégia discursiva de co-edição, suprimindo a falta de conhecimento específico, e dividindo a responsabilidade pelo discurso. Ao articular as *vozes* que permeiam a atividade esportiva, o jornal promove uma grande *conversação* calcada em ‘*multiagendas*’. Em função disso, o sentido é um “*feixe de relações*” que se evidencia singularmente a partir de múltiplos movimentos empreendidos pelo jornalismo na produção dos acontecimentos.

Mesmo num tom mais informativo, fazendo inferências a situações passadas por Luxemburgo para responder sobre seus atos à justiça, os enunciados 1 e 12 são construídos com dois verbos fortes ( ‘*condena*’ e ‘*denuncia*’), em que o sentido deles é deslocado do campo da justiça para o midiático, onde foi construído.

O título 4 emite claramente um juízo de valor, através de elementos especificadores da situação e caracterizações, pois pressupõe outros golpes, já que esse é avaliado como o ‘*mais sério*’. Para compreender a expressão, o leitor deve estar acompanhando os fatos relativos à vida do treinador e a seqüência das supostas irregularidades, havendo *interdiscursividades*.

Nos enunciados 8 e 10 utiliza-se entre aspas uma expressão característica do campo esportivo - ‘*gato*’. Os títulos denotam continuidade na investigação da suspeita, pois no título 10, o jornal consultou os arquivos de Luxemburgo na *Federação Gaúcha de Futebol* e concluiu que o treinador realmente estava mentindo a idade, com uso do verbo ‘*reforça*’ e da expressão ‘*mesmo*’. Nesses exemplos, estabelece-se um *diálogo* entre as duas edições, pois o enunciado 10 é uma conclusão (confirmação) com fortes características valorativas ‘*se o técnico não comentou suspeita (8), nós investigamos e descobrimos que registro na FGF*



reforça suspeita de que Luxemburgo é mesmo “gato” (10). A expressão ‘mesmo’ é um mecanismo de *agendamento*, na medida em que se estabelece a tomada de posição do jornal – de que ‘o técnico mente’. ZH coloca em funcionamento sua face didatizadora, pois através de investigação, procura desdobrar os fatos, não deixando dúvidas das intenções dos títulos para seu leitor.

A FSP utilizou a metáfora “*mundo paralelo*” (5) para expor, apenas na matéria, as possíveis irregularidades envolvendo o nome do treinador. Ao usar a expressão, o jornal está dizendo que vai mostrar o outro lado de Luxemburgo, que o leitor desconhece. Assim, a FSP não só está afirmando que existe este ‘*mundo paralelo*’, mas também que tudo será exposto ao leitor.

Adjetivos, substantivos e verbos funcionam como especificadores da situação vivida pelo personagem. No título 3, os adjetivos qualificam o ator: por estar *calado* e *sério*, é um *novo* Luxemburgo, o que pressupõe que antes das denúncias e suspeitas de irregularidades ele não era assim. O uso do ponto entre os enunciados representa uma pausa para que depois figure uma conclusão. Esse recurso funciona com um dispositivo de *agendamento*, assim como o verbo de ligação ‘É’, que introduz uma afirmação, e o conectivo ‘e’, que adiciona um índice avaliativo.

Ainda em relação ao ‘*estado pessoal*’ do treinador, no enunciado 14 percebe-se que ele vive num momento de ‘*turbulência*’, confirmado pela expressão ‘*um dia de sossego*’ e reforçada por ‘*enfim*’, que funciona como um dispositivo de *agendamento*, pois pressupõe algo anterior, que está se confirmando no presente, na atualidade mostrada por ZH. O enunciado 15 também demonstra a situação pessoal vivida pelo treinador, com as expressões ‘*sob pressão*’ e ‘*busca alento*’. Em função do primeiro estado, tem-se uma consequência, uma saída em busca de ânimo para seguir em frente. Além de se reportar a discursos anteriores sobre o ‘*estado pessoal*’ do treinador, o título estabelece *diálogo* com outros campos, pois estão presentes múltiplas agendas - as *voces* dos campos midiático, esportivo, da justiça, vida particular e da neurolingüística conjugada à literatura.

Fazendo alusão à atitude do treinador da seleção brasileira, o enunciado 9 emite um juízo de valor muito forte (‘*foge*’). Somente ao ler a matéria, o leitor monta um quebra-cabeça (junta as diversas informações, numa *multiplicidade discursiva*) que explicita várias situações (Luxemburgo tinha pouco tempo para deixar o estádio e embarcar para Sydney, não

concedendo entrevista coletiva). O verbo *'foge'* e o modalizador *'em silêncio'* não fazem apenas referência à atitude do técnico dentro de campo (sair do estádio em silêncio), eles remetem também aos problemas enfrentados na vida particular – *'em silêncio'* (não dá declarações) e *'foge'* (das acusações, das suspeitas, enfim, do órgão oficial, que o investigava). Nesse caso, fica clara a tomada de posição da FSP em relação ao treinador – era obrigado a fugir da imprensa (que queria Romário e esclarecimento das suspeitas), da torcida (que conclamou Romário) e da polícia (que o investigava). Através dessa construção *polifônica*, em que estão presentes vários *'regimes de discursividades'*, a FSP avalia que o treinador estava fugindo de tudo isso para tentar buscar alento do outro lado do mundo, onde seria obrigado a conquistar a medalha de ouro para se livrar dos problemas.

O título 11 tem um sentido muito vago, pois não há elementos de identificação. Porém, se articulado com outros enunciados dos dias anteriores, se efetiva claramente. Depois de pressuposições e denúncias de possíveis irregularidades, *'o outro lado'* da moeda é avaliado, ou melhor, é ouvido. Além da FSP dizer que está *'dando voz'* para Luxemburgo se defender e falar, está afirmando que há um *'outro lado'* até então desconhecido, que vai *'mostrar'*, *'dar chances'* para o *'outro lado'* se expor para a opinião pública. Essa versão do *'outro lado'* é apresentada de uma forma singular, através de entrevista, onde o ponto de vista do próprio personagem é apontado com competência, representada pela autoridade do cargo ocupado pelo ator. Nesse caso, o jornal dá a palavra para que Luxemburgo se dirija aos leitores, porém, esta passagem é mediada por um jornalista, que elabora e faz as perguntas que deseja<sup>9</sup>. Mesmo que Luxemburgo fale em entrevista direta (com perguntas e respostas), a edição, em última instância, é do jornal.

Mesmo que tenha apresentado no dia anterior *'o outro lado'* (11) do técnico aos leitores, a FSP sentencia que agora *'o mundo'* queria mais informações, ou melhor, *'quer saber quem é'* (fica implícito que a *'verdadeira identidade de Luxemburgo não é conhecida'*). O jornal utiliza como *'falso enunciador'* a expressão que designa o coletivo indefinido *'mundo'*, repassando, aparentemente, a responsabilidade pelo dito, quando, na verdade, quem quer *'saber quem é Luxemburgo'* é o próprio jornal.

---

<sup>9</sup> Referente a isso, pode-se consultar REBELO (2000, pg.112), que explicitou um *'modelo de delegação de saber'* (o jornal dá a palavra para alguém dizer algo a um destinatário), a partir de onde se estabelecem outras tantas relações de poder.



Verifica-se que AR praticamente se eximiu de publicar matérias referentes a Luxemburgo, não avaliando as questões que envolviam o nome do treinador como '*valores-notícia*' determinantes para seus leitores. O jornal manteve '*distância*' do caso, pois publicou apenas uma matéria sobre as supostas irregularidades envolvendo o técnico e ainda assim, o fez dividindo a responsabilidade pelo dito, trazendo para sua fala a autoridade de um lugar privilegiado ('*MP*'). O jornal não quis entrar no '*mérito da questão*' (se Luxemburgo era ou não culpado), ficando afastado.

Já ZH e FSP utilizaram diversos recursos discursivos para mostrar aos leitores as questões envolvendo Luxemburgo, com adjetivações, caracterizações do '*estado pessoal*', desqualificando o treinador, atribuindo valores; estabelecendo diálogos com o campo da justiça, principalmente, quando publicou resoluções oficiais; fazendo vínculos com discursos anteriores, unindo em um único enunciado *vozes* de outros campos que não apenas o esportivo e midiático e através de mecanismos de agendamento, hierarquizando os sentidos.

Na *pré-agenda*, os jornais já davam indicações de que o cargo de Luxemburgo estava ameaçado, seja por fatores relativos ao campo esportivo (desempenho da seleção) ou por questões que diziam respeito à vida pessoal do treinador (relações com a justiça). Mesmo antes do início da competição, cada jornal já tinha avaliado de forma singular fatores referentes ao "*olimpiano*", fazendo projeções e predições. A seguir, as construções durante a agenda da Olimpíada.

### **Agenda: a efetivação das suposições**

Se na *pré-agenda* os enunciados tinham mais um tom especulativo (mesmo que com afirmações e valorações) em torno do que poderia acontecer durante a Olimpíada, na agenda, através de seu dispositivo de enunciação, os jornais fizeram diversas construções que remetiam à demissão de Luxemburgo. Nesta fase, as estratégias discursivas apontavam para o fato de que a queda do treinador era apenas uma questão de tempo. Os jornais avaliam Luxemburgo, seja qualificando ou desqualificando (através de adjetivos, substantivos e verbos). Não são feitas apenas indicações, mas classificações e avaliações, em que os sentidos são hierarquizados. Cada jornal estabelece de que forma, sob que ângulo os leitores devem



‘ler’ os fatos relativos ao ator, com fortes mecanismos de *agendamento*. A seguir, alguns enunciados da agenda, período em que as competições se desenrolaram temporalmente.

- 1 “*Futebol abre cruzada pelo ouro e pela vida de Luxemburgo*” (FSP de 13/09)
- 2 “*Luxemburgo com a cabeça a prêmio*” (ZH de 18/09)
- 3 “*Seleção olímpica perde a invencibilidade, e Luxemburgo, um trunfo para seguir no cargo*” (FSP de 18/09)
- 4 “*Vale a vaga e o cargo de Luxemburgo*” (ZH de 19/09)
- 5 “*Ele está salvo. Por enquanto*” (AR de 21/09)
- 6 “*Futebol garante vaga e sobrevida de Luxemburgo*” (FSP de 21/09)
- 7 “*Vexame da seleção ameaça cargo de Luxemburgo*” (ZH de 24/09)
- 8 “*Tchau!*” (FSP de 24/09)
- 9 “*Luxemburgo pede desculpas e pede para ficar até a Copa*” (FSP de 24/09)
- 10 “*Inferno astral do treinador contagia jogadores*” (FSP de 24/09)
- 11 “*Luxemburgo terá ‘sobrevida’ na seleção*” (FSP de 25/09)
- 12 “*Luxemburgo garante que Luxemburgo fica*” (ZH de 25/09)
- 13 “*O Brasil torce pela queda de Luxemburgo*” (ZH de 25/09)
- 14 “*CBF segura Luxemburgo (até o embarque)*” (FSP 25/09)
- 15 “*Era Luxemburgo na Seleção perto do fim*” (ZH de 26/09)
- 16 “*Aumenta a pressão para a saída do técnico Luxemburgo*” (ZH de 26/09)
- 17 “*Queda anunciada*” (ZH de 02/10)

É interessante observar nos títulos uma seqüência de fatos que culminam com a efetivação das predições (no último dia de competições, ZH afirma que havia previsto a queda de Luxemburgo – título 17), anunciadas em tom de suposição desde o início da agenda (título 1). Mesmo que tivesse perdido uma partida, quando os tons de ameaça predominam no discurso jornalístico dos três jornais (em diferentes intensidades), do enunciado 1 ao 6 nota-se um perigo de queda cada vez mais iminente. Neste período, o time havia perdido uma partida, mas conquistado a classificação para a segunda fase da competição. Esses fatos fizeram com que Luxemburgo tivesse uma situação cômoda apenas temporariamente, como nos exemplos 5 e 6. A seguir, são analisadas de forma mais detalhada as estratégias discursivas

desenvolvidas nesse período para que se possa compreender os movimentos singulares dos jornais em torno do agendamento da demissão do técnico.

O primeiro enunciado deixa clara a intenção da agenda da FSP logo no início da competição - de que a conquista da medalha de ouro tornou-se uma espécie de pré-requisito para a permanência de Luxemburgo na seleção. O conectivo ‘e’ introduz a tomada de posição do jornal, que avalia a medalha como condição para a continuidade da vida do ‘*olimpiano*’ como treinador da seleção brasileira. O enunciado 6 representa uma continuação da situação expressada no título 1, porém com algumas ressalvas, pois o técnico tem uma chance temporária (*‘sobrevida’*). A FSP agenda, novamente, que o treinador terá apenas uma nova oportunidade e não garantias expressas de que continuará no cargo. Nestes exemplos é interessante observar que a ajuda de que Luxemburgo precisa provém do campo esportivo, isto é, a vida do técnico, seja como profissional esportivo ou como cidadão que deve responder à justiça pelos seus atos, está nas mãos do futebol que se desenvolve dentro de campo.

O enunciado 3, também da FSP, tem construção semelhante a do 1 e 6. O jornal expõe, primeiramente, um fato (*‘perde invencibilidade’*) para depois sentenciar que o técnico perdeu *‘um trunfo para continuar no cargo’*. O conectivo ‘e’ tem várias conotações: é uma partícula que anuncia uma conclusão, agenda a possibilidade de saída do cargo e introduz a opinião da FSP. O título é construído com várias agendas: do campo esportivo (relativas à competição - *‘perde’*), da organização (o mundo dos dirigentes, dos bastidores - *‘cargo’*) e à vida particular (com as suspeitas, é difícil seguir no cargo perdendo dentro de campo), havendo *polifonias* e *interdiscursividades* (é preciso saber o contexto em que o cargo está ameaçado).

ZH também deixou marcas das intenções de sua agenda, como no título 2, em que sentenciar que Luxemburgo está com *‘a cabeça a prêmio’*, ou seja, se algo der errado, sair da normalidade esperada, ele será demitido. O jornal deixa implícito que deseja a saída do treinador, pois lança esta possibilidade de forma afirmativa.

O título 4 de ZH segue a construção dos títulos 1, 3 e 6. Inicialmente, ele representa uma afirmação referente à competição (*‘vaga’*) para depois sentenciar que está em jogo também o cargo do técnico. A conjunção ‘e’ é um mecanismo de *agendamento*, pois não representa apenas uma soma à idéia anterior, já que introduz a tomada de posição do jornal. ZH afirma que se o time não ganhar, não perde somente a vaga, mas o técnico. Essa espécie

de alerta, que parece dirigir-se aos personagens envolvidos na ação, é uma estratégia discursiva do jornal para aproximar-se de seus leitores, dando a impressão de que está *‘por dentro dos fatos’*.

O enunciado 5 foi construído por uma oração e uma frase, o que é muito difícil no sistema de *titulação* em jornalismo impresso. Primeiro, o jornal faz uma afirmação *‘ele está salvo.’* para depois concluir que essa situação é temporária (*‘por enquanto’*). AR faz uma avaliação com uma espécie de predição, anunciando algo que poderá se confirmar no futuro (a demissão). O título não funciona apenas como um fator de agendamento, mas também como uma sentença, pois afirma que a salvação é temporária. O ponto estilístico<sup>10</sup> que separa a oração da frase serve para sublinhar a idéia inicial, ressaltando a conclusão.

Os títulos 7, 8, 9 e 10 foram publicados no dia seguinte da eliminação do time brasileiro e expressam claramente a opinião dos jornais – de que Luxemburgo deve deixar a seleção (especialmente o 7 e 8). No enunciado 7, ZH qualifica a atuação do time (*‘vexame’*) e a situação do treinador (*‘ameaçada’*), dando sua própria sentença quanto ao fato (pois *‘foi um vexame que pode custar o cargo de Luxemburgo’*), e *agendando* a saída do técnico.

O enunciado 8 da FSP é muito expressivo, pois resume a opinião do jornal em relação ao desempenho e ao futuro do futebol brasileiro. Ao mesmo tempo em que a construção é uma saudação de despedida, ela representa também um forte *agendamento*, pois a FSP não se refere apenas à equipe perdedora, que terá de retornar ao Brasil antes do tempo esperado, mas especialmente ao futuro de Luxemburgo. O título estabelece *interdiscursividades*, pois remete a algo já dito (*agendamento* da queda do técnico). O *‘tchau’* não representa apenas a despedida da equipe de futebol da *Olimpíada*, mas também o término de um sonho que vinha sendo agendado – a possibilidade de conquista da inédita medalha de ouro. O *‘tchau’* parece ecoar como uma *‘saudosas despedida’* para Luxemburgo da seleção e é uma estratégia discursiva de aproximação com o leitor, pois a saudação é muito usual. A construção pode levar o leitor a expressar o mesmo sentimento que a FSP parece propor – *‘de que tudo está acabado e que Luxemburgo deve deixar o cargo’*.

Como os exemplos 1, 3, 4 e 6, o título 9 tem em sua construção o conectivo *‘e’*, que representa a adição de um novo fator, em que há duas idéias: primeiro, *‘Luxemburgo pede desculpas’* e, depois, *‘pede para ficar até a Copa’*. Para melhor compreensão do dito é

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **Mídia Esportiva**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.

necessário que o leitor esteja acompanhando as edições anteriores da FSP e os fatos envolvidos<sup>11</sup>, pois há *interdiscursividades*. O pedido de desculpas de Luxemburgo tem duas dimensões: dentro de campo (o time foi desclassificado) e na vida particular (com várias suspeitas envolvendo seu nome). O ‘até’ é um delimitador de tempo, configurando-se como mecanismo de *agendamento*.

O título 10 é uma espécie de profecia do jornal para o fracasso, em que o culpado pela eliminação é o treinador. Nesse enunciado, a FSP nomeia o mau momento passado por Luxemburgo como ‘*inferno astral*’, expressão usada para designar em astrologia o período que antecede o aniversário da pessoa, havendo *polifonias*. O título se reporta a uma relação de causa (‘*inferno astral*’) e conseqüência (‘*contagia*’), em que o jornal afirma (toma partido) que os jogadores foram atingidos. Na construção, a FSP culpa Luxemburgo pelos fracassos, deixando marcas das intenções da agenda – ‘que o mau momento vivido por ele *contagiou* os jogadores’.

Os enunciados publicados nos dias seguintes à eliminação (11 a 17), representam a repercussão dos fatos, onde ZH e FSP reforçam a tese de que Luxemburgo tem de ser demitido, seja de forma direta ou indireta, com uso de outros recursos discursivos para mascarar o dispositivo de enunciação ou repassar aparentemente a responsabilidade, com nos títulos 13 e 16.

A expressão ‘*sobrevida*’, que já havia aparecido no enunciado 6, também da FSP, agora, quatro dias depois, aparece entre aspas. No título 11, o jornal faz uma afirmação em relação ao destino do técnico, sentenciando, com o verbo ‘*terá*’, que Luxemburgo vai ficar na seleção por mais algum tempo. Porém, com a expressão ‘*sobrevida*’ entre aspas, a FSP estabelece que não se sabe até quando, deixando subentendido que não é por muito tempo e que há um certo descrédito em relação à afirmação de dias antes.

O enunciado 12 é muito interessante, na medida em que deixa claro que só o técnico garante que ele mesmo fica no comando da seleção. ZH não apelou para nenhuma autoridade para a construção, deixando apenas à voz de Luxemburgo a responsabilidade pelo dito. Porém, de forma implícita e até irônica, ZH dá seu veredicto ‘*quem garante que Luxemburgo*

---

<sup>10</sup> O ponto no exemplo é desnecessário gramaticalmente, sendo utilizado para ressaltar a construção.

<sup>11</sup> O time dirigido por Luxemburgo foi desclassificado na 2ª fase; o técnico havia se isentado de culpa; havia especulações sobre sua demissão desde a saída do Brasil e só a medalha poderia reverter a situação.

*fica é ele mesmo*’, ou seja, é pouco provável que isso realmente aconteça em função do descrédito em torno do seu nome.

Além de trazer para o seu discurso a fala de outros personagens para legitimar os próprios pressupostos, em alguns casos os jornais procuraram deslocar a autoria do dito de seu dispositivo de enunciação para outras ‘entidades’ (13 e 16). No exemplo 13, ZH repassa para a entidade ‘*Brasil*’ a responsabilidade pelo que convém e cabe em sua matriz cultural, ou seja, está dizendo que “ZH *torce pela queda de Luxemburgo*”. Ao afirmar ‘*o Brasil torce*’, o jornal está estabelecendo que é um coletivo maior que está representado e não apenas um ou outro setor que faz parte do Brasil, denotando autoridade. Dessa forma, ZH não apenas se inclui no discurso, como assume de que lado está (a favor da queda de Luxemburgo). O verbo ‘*torce*’ é um forte mecanismo de identificação, pois remete à torcida, ao fato de pertencer a um grupo. Além de representar um *agendamento*, o enunciado é também *polifônico*, pois o jornal recorre à outra voz (‘da entidade Brasil’) para dizer o que, em última instância, defende. No enunciado 16, o jornal não especifica de onde vem a ‘*pressão*’ para a saída do técnico, apenas afirma que há mais adeptos (e não apenas ZH). O título representa uma soma à bandeira levantada pelo título 13 e pode ser compreendido como uma resposta positiva à assertiva feita na edição anterior.

No enunciado 14, ao mesmo tempo em que o jornal traz para o seu discurso a voz da autoridade da CBF para ressaltar seus próprios pressupostos, está *agendando* que a garantia dada ao técnico é apenas temporária. A expressão ‘*até o embarque*’ aparece entre parênteses, no final da oração, deixando claro que é a tomada de posição do jornal. Mesmo informando que a CBF mantém o técnico no cargo, a FSP afirma que a resolução tem um tempo determinado (garantido pela preposição ‘*até*’) e um limite (*embarque*). O jornal expôs a ação que julgou adequada ao caso: ‘*segurar Luxemburgo até o embarque*’, demitindo-o quando chegasse ao Brasil, demonstrando que não se limitou a fazer indicações, mas avaliações, julgamentos, dizendo inclusive o que deveria ser feito, com *agendamento* de ação futura (demissão após o embarque).

Dois dias depois da eliminação, ZH volta a sentenciar (título 15) que o técnico deve deixar o cargo, num tom de desfecho se comparado aos títulos publicados anteriormente. Após vários *agendamentos* quanto à possibilidade de saída, finalmente ZH afirma que tudo isso está ‘*perto do fim*’. Na construção, ZH dá pistas dos objetivos de sua agenda - de que





*Luxemburgo deixe o cargo*, o que vinha sendo desejado pelo jornal desde a *pré-agenda*. Depois de vários avisos de que o treinador poderia sair do cargo, o jornal comunica no título 17 que já sabia, que era esperada a saída de Luxemburgo. A construção faz referência a matérias anteriores, em que agendava possibilidade de saída de Luxemburgo e remete à competência do jornal (*auto-referenciabilidade midiática*) de mostrar o que está acontecendo e o que pode vir. ZH qualifica seu trabalho<sup>12</sup>, desqualificando o personagem (o adversário eleito desde o início da *pré-agenda* para ser ‘*combatido*’).

Mesmo que as previsões lançadas em torno da possível demissão de Luxemburgo tenham se efetivado, o ‘*olimpiano*’ continuou, ainda que com destaque bem menor, figurando na cobertura jornalística das ressonâncias da Olimpíada de Sydney, durante a *pós-agenda*. Porém, a figura de Luxemburgo deu lugar, principalmente, à cogitação de seu substituto e das repercussões na CBF. A seguir, breve análise da *pós-agenda*.

#### ***Pós-agenda: o ‘olimpiano’ se apaga***

Após o encerramento da Olimpíada, em que o Brasil não conquistou nenhuma medalha de ouro, e a efetivação da saída de Luxemburgo, a *tematização* nos jornais seguiu vários caminhos: as avaliações dos resultados (a participação brasileira foi considerada um fracasso), a busca de novos nomes para a seleção de futebol (que disputava as eliminatórias para a Copa), questionamentos sobre o trabalho do COB, etc. Desse modo, Luxemburgo passou a ter pouco destaque na imprensa enquanto profissional. No período de 10 dias após a finalização dos jogos, ele figurou apenas por sua condição de estar em dívida com a justiça brasileira. Pela pouca incidência, selecionou-se para análise apenas um enunciado, por entender que ele representa a expressividade dos demais.

1“Acuado, Luxemburgo se esconde até da PF” (FSP de 06/10)

O título remete ao fato de que o jornal continuou ‘*acompanhando o caso*’, não o apagando de sua agenda. Nesse exemplo, a FSP faz uma avaliação do estado de Luxemburgo, que está em situação difícil (‘*acuado*’). A expressão ‘*até*’ é um forte mecanismo de

---

<sup>12</sup> Essa estratégia midiática - qualificar suas ações, desqualificando os ‘*adversários*’ - foi discutida por FAUSTO NETO in PAIVA (2002), que também discutiu o fato de que a imprensa julga e dá uma sentença própria, como se tivesse o poder legal para isso.



*agendamento*, pois remete a outras possibilidades de fuga do treinador, fazendo uma referência aos torcedores brasileiros e à imprensa, por exemplo, que não tinham acesso ao ator. A FSP enfatiza negativamente a situação desconfortável do treinador, ao afirmar que ele ‘*se esconde*’ (remete a bandidos, por exemplo) de uma das maiores autoridades do Brasil, a PF.

### **Conclusão: breves apontamentos**

Na análise das estratégias discursivas desenvolvidas pelos jornais A Razão, Zero Hora e Folha de São Paulo no *agendamento* da demissão do técnico Luxemburgo, verificou-se que cada dispositivo de enunciação tematizou a ‘*queda do treinador*’ de forma particular. Como cada jornal constrói sua agenda singularmente, a escolha dos temas e, em última instância, a definição da agenda são muito particulares, dependendo da constituição do leitor, do que o jornal considera como ‘*valor-notícia*’, das regras do manual de redação, da filosofia da empresa de comunicação, do conjunto de repórteres, editores, diagramadores, produtores de arte, etc.

Como foi apontado, os jornais abandonam um lugar de inferências para expor seus interesses, deixando indícios das pretensões de suas agendas, seja a partir de suposições, predições ou sentenciamentos. No corpo da análise, há indicações de como os mídias podem intervir na realidade, já que os jornais se anteciparam ao sistema encarregado dessas ações oficiais (o campo esportivo, dos dirigentes e da justiça), dizendo *quando, como e quem* deveria demitir Luxemburgo.

Cada jornal hierarquiza os sentidos de forma singular, a partir da determinação da agenda esportiva, com estabelecimento do que é mais ou menos importante, do que merecia ou não destaque, do que deveria ou não figurar na sua agenda. No processo de produção da atualidade, da agenda midiática, a aparente autonomia dos mídias (por ocupar um lugar central no espaço social e mediar as inúmeras *vozes*) é relativizada pelos vários ‘*regimes de discursividades*’ dos demais campos simbólicos, que travam negociações e embates para defender seus interesses. Tendo como base o modelo do processo de *midiatização*<sup>13</sup> do

---

<sup>13</sup> Conceito desenvolvido por VERÓN (1997).



esporte, ressalta-se que há processos de múltiplas trocas entre as agendas dos campos esportivo e midiático. Dessa forma, não se pode falar em autonomia do campo midiático, pois ele sofre constantes injunções das agendas dos outros campos, que relativizam seu poder. Entende-se essas relações como complexas e dinâmicas, em que há trocas, mas também co-determinações.

Tendo como pressuposto que o campo dos mídias é uma instância de produção, organização e tematização de agendas, verificou-se que os jornais estudados selecionam *algumas* informações em detrimento de *outras* para depois determinar o grau de importância que elas devem ter. O jornal hierarquiza os sentidos a partir de inúmeras operações, como a estruturação da capa (escolha e destaque da manchete, sub-manchete, chamadas com ou sem foto) e contracapa, da construção do sistema de *titulação* (um dos lugares de argumentação mais expressivos) estabelecimento das *matérias* que devem ‘*abrir*’ as seções, daqueles temas que só integram a edição com resumidas notas, da escolha das fotos, criação de infográficos e demais elementos visuais, da diagramação, etc.

É importante salientar que a tematização a partir dos ‘*olimpianos*’ do mundo esportivo constitui-se numa das principais estratégias de produção de sentido para dar inteligibilidade aos acontecimentos. Os jornais ‘*bisbilhotam*’ a vida dos “*olimpianos*”, seja qualificando ou desqualificando-os, apostando em uns, negando a existência de outros, classificando seus candidatos ao “*Olimpo*”, chamando a atenção para determinados aspectos. Com esses múltiplos movimentos, cada jornal institui a sua agenda singular, a partir de temas eleitos para a edição.

Ao analisar a cobertura sobre a queda do treinador Luxemburgo, um dos temas mais sérios da atualidade vem à tona – a ética no jornalismo. É difícil deixar passar alguns questionamentos sobre a prática do jornalismo, a partir da análise dos enunciados listados. Algumas questões foram recorrentes durante o percurso do trabalho de campo: que lugar ocupa a *ética* no jornalismo? que autoridade os jornais têm para julgar e condenar? baseados em que leis o fazem? Casos como esse fazem com que se reflita sobre a prática do jornalismo enquanto defesa dos *interesses públicos* ou apenas da esfera privada (relativas a interesses dos proprietários, editores, de alguma entidade que financie a atividade, etc). Acredita-se que a



opinião pública deseja que se faça um jornalismo comprometido com causas públicas e não movida por fatores de ordem privada<sup>14</sup>.

Observa-se que o jornalismo tem se tornado atualmente *lugar de julgamento e sentenciamento*. Como foi visto, os jornais se transformam num *espaço de diligências* e num *tribunal*, pois além de investigar as suspeitas que recaíam sobre o técnico Wanderley Luxemburgo eram proferidas várias sentenças. Dessa forma, os jornais ‘*tomam*’ o lugar da autoridade competente (polícia, justiça) fazendo suas próprias investigações e julgamentos, criando leis próprias para isso. O técnico Luxemburgo foi julgado e condenado pelos jornais não só pela sua atuação dentro de campo, mas também pelas suspeitas que recaíam sobre seu nome e que estavam sendo investigadas pela autoridade competente (MP, Justiça Federal).

Compreende-se que apurar, mostrar, avaliar, investigar fazem parte das práticas jornalísticas, mas acredita-se que é um desejo de estudiosos e profissionais do campo e da opinião pública que essas ações sejam realizadas com responsabilidade e ética. Jornalismo investigativo, interpretativo e/ou opinativo não têm analogia alguma com um ‘*jornalismo de combate*’, que parece mover algumas mídias.

## Bibliografia

- ALSINA, Miquel Rodrigo. **La construcción de la noticia**. Buenos Aires: Paidós, 1989.
- BORELLI, Viviane. **A midiatização do esporte: leitura das estratégias discursivas da cobertura jornalística da Olimpíada de Sydney (2000)**. Dissertação de Mestrado. UFSM, Santa Maria, RS, 2002.
- BREGMAN, Dorine. **La función de agenda: una problemática em transformación** in El Nuevo Espaço Público, Jean-Marc Ferry, Dominique Wolton y otros. Barcelona: Gedisa, 1998.
- ESTEVES, João Pissarra. **A ética da comunicação e os media modernos**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1998.
- FAUSTO NETO, Antonio. **O agendamento do esporte: uma breve revisão teórica e conceitual**. Revista de Comunicação Verso & Reverso. Ano XVI, n.34 jan/jun 2002. Unisinos, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Quando a ética toma forma: estratégias discursivas do “Jornalismo de Combate”** in PAIVA, Raquel (org). **Ética, cidadania e imprensa**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Termos-chave da análise do discurso**. (tradução de Márcio V. Barbosa e Maria Emília A. T. Lima) Belo Horizonte: UFMG, 2000.
- MOUILLAUD, Maurice. Sérgio Dayrell Porto (org.). **O Jornal: da forma ao sentido**. Brasília: Paralelo 15, 1997.
- PERUZZOLO, Adair. **A estratégia dos signos: quando aprender é fazer**. Santa Maria: Facos/UFSM, 2002.

---

<sup>14</sup> Em estudo singular, SCHMITZ, Antonio Guilherme Filho., PORTELA, Luiz Osório Cruz. **O Jornalismo Esportivo na Copa de 1998: uma tentativa de análise crítica das críticas**. Bagé/RS: Editora da URCAMP, 2001, observam que muitas vezes a crítica a jogadores e técnico toma inclusive forma de agressão pessoal.



- REBELO, Jorge. **O discurso do jornal – o como e o porquê**. Lisboa: Editorial Notícias, 2000.
- SAPERAS, Enric. **Os efeitos cognitivos da comunicação de massas**. Portugal: Edições ASA, 1987.
- TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo, RS: Unisinos, 2001.
- \_\_\_\_\_. **O poder do jornalismo: análise e textos da Teoria do Agendamento**. Coimbra, Portugal: Minerva, 2000.
- VERÓN, Eliseo. **Construir el acontecimiento**. Buenos Aires: Gedisa editorial, 1987.
- \_\_\_\_\_. **Esquema para el análisis de la mediatización**. In Revista Diálogos de la Comunicación, n.48, Lima: Felafacs, 1997.